

A METAMORFOSE DA PERSONAGEM PSIQUÊ EM APULEIO

Michele Mendes Rocha & Uiliam Ferreira Boff

RESUMO[©]

O presente artigo propõe-se a analisar alguns aspectos da figuração do mito Eros (deus do amor) e Psiquê (personificação da alma), na obra **O Asno de Ouro** de Apuleio (125? – 170? d. C). Tal obra apresenta uma narração da metamorfose de Eros e Psiquê e a leitura aqui proposta enfatiza a ascensão de Psiquê até a imortalidade divina. Acredita-se que esta metamorfose é elemento central na narração do mito.

PALAVRAS-CHAVE: Psiquê, Amor, Metamorfose

INTRODUÇÃO

Hesíodo, poeta grego da Época Arcaica (séc. VIII – VII a. C), na **Teogonia**, foi um dos primeiros a organizar, através de cantos, a origem dos mitos¹. Cantou Eros como elemento primordial, força de atração capaz de organizar o caos.

Platão, (séc. V – IV a. C), filósofo grego da Época Clássica, em seus **Diálogos**, mais precisamente em **Banquete** e **Fedro** expõe diferentes interpretações e concepções sobre Eros, que ora se complementam, ora se contradizem, apresentando, enfim, várias facetas do Amor. A tese platônica, resumidamente, defende o amor sublime do filósofo, que se abstém dos prazeres físicos para alcançar a Beleza Absoluta, o mundo das Idéias.

Na figuração do mito de Eros e Psiquê n'**O Asno de Ouro** (ou **Metamorfoses**) de Apuleio parece ecoar a filosofia platônica. Nesse sentido, o presente artigo tem como pressuposto o argumento de Pierre Grimal, o qual diz que a narrativa do mito em Apuleio foi “diretamente inspirada no **Fedro** de Platão – a alma individual (Psiquê), imagem fiel da alma universal (Vênus), eleva-se progressivamente, graças ao amor (Eros), da condição mortal à imortalidade divina”.² Octavio Paz acrescenta: “A presença da alma em uma história de amor é de fato um eco platônico, e o mesmo devo dizer da busca da imortalidade, conseguida por Psiquê ao se unir com uma divindade”.³ Essa é a perspectiva aqui levada em conta, ciente, no entanto, de que, em Apuleio, há “uma inesperada transformação do platonismo: a

história é um conto de amor realista [...], não o relato de uma aventura filosófica solitária.”⁴

Dessa maneira, o trabalho proposto pretende realizar uma interpretação sobre o mito “Eros e Psique”, relacionando-o com a filosofia platônica do amor. Enfatiza-se a metamorfose por que passa a personagem durante sua ascensão até a imortalidade.

Desenvolvimento

O asno de Ouro de Apuleio é a narração das peripécias sofridas por Lúcio ao ser transformado em burro. A narração do mito de Eros e Psiquê é introduzida, no livro IV da obra, pela voz de uma velha senhora, a qual consola uma moça que havia sido raptada por ladrões. Em posse desses ladrões, estava Lúcio, em corpo de asno, que também ouve o relato.

A história do mito inicia em uma dada cidade onde havia um rei e uma rainha com suas três filhas: duas delas de rara beleza mortal, e a outra, mais moça, de beleza sem igual na terra. Psiquê possuía uma beleza tão divina, que passou a ser comparada com a da deusa Vênus. Ao saber das adorações e sacrifícios que o povo devota à mortal Psiquê, Vênus sente-se afrontada e designa seu filho Eros para executar sua vingança.

Devido à sua beleza divina Psiquê, não recebia nenhum pedido para ser desposada e isso era a causa de sua grande tristeza. Suas irmãs, entretanto, já haviam se casado com reis. No desejo de acabar com a insatisfação da filha, o rei dirige-se até o templo de Apolo, temendo que sobre ela houvesse recaído alguma maldição. Para o terror do pai, o oráculo confirma seu temor dizendo que a moça deveria celebrar seu funéreo himeneu com um monstro viperino, alado e imortal, o qual causa pavor nos deuses, até mesmo em Júpiter.

Psiquê, obedecendo ao oráculo, vai até um rochedo, acompanhada por todo o povo, para encontrar o seu destino. Então, Zéfiro (o vento) a soergue do rochedo carinhosamente e a deposita gentilmente sobre a relva florida do vale, onde havia um palácio encantado. Nesse local, Psiquê é acolhida por vozes destituídas de corpo, que

eram suas servas. Ao anoitecer, recebe o marido em seu leito onde é desposada.

O esposo alerta Psiquê quanto à perfídia de suas irmãs, as quais armariam uma cilada para que ela desvelasse o semblante dele que, até então, ela também desconhecia. Prevendo a armadilha das irmãs de Psiquê, o esposo advertia de que, se acaso ela o decepcionasse, sendo levada pela curiosidade, jamais o veria novamente, mesmo que estivesse carregando um filho em seu ventre. Psiquê obedece aos pedidos de seu marido. No entanto, sente saudades e deseja rever suas irmãs, pois passa os dias inteiros sozinha. Então, ele cede aos doces pedidos da esposa, permitindo que suas irmãs a visitem.

Ao vislumbrarem o suntuoso palácio, as irmãs sentem inveja e infiltram dúvidas no pensamento de Psiquê, a qual, influenciada, pensa que o marido é um monstro. Dessa maneira, as irmãs maquinam um plano maligno para que ela o mate.

Na mesma noite, enquanto o marido dormia, a jovem esposa põe em ação o plano das suas irmãs. Ela, estando com o punhal na mão, liberta-se, por meio de uma lucerna, de sua prisão de trevas, vendo, ao invés de um monstro, o semblante do divino Eros, o próprio Amor. Devido à grandiosa beleza do amante, Psiquê fica extasiada e acaba derramando uma gota de óleo fervente da lucerna no ombro do deus. Eros, ferido, acorda e sai voando decepcionado com a traição da jovem esposa.

Psiquê, após vingar-se das irmãs dizendo que Eros desejava desposá-las, e assim fazendo com que elas se matassem no rochedo, começa uma busca pelo amante e, após uma longa jornada infrutífera, intui que ele poderia estar com sua mãe. Vênus, ao se deparar com Psiquê, que procurava há algum tempo, é tomada de cólera e faz com que a nora passe por provações que são inexeqüíveis para um mortal: separar por ordem e tamanho um monte de sementes misturadas (o que levaria tempo, já que o prazo dado por Vênus para o término da tarefa vencia no fim da tarde); buscar a lã dos carneiros do Sol (os quais se tornavam mais ferozes ainda por estarem expostos ao calor do dia); trazer um pouco de água Estígia (o que era muito difícil, pois dragões guardavam o rio e somente os deuses poderiam tocar naquela água); e capturar, em uma caixinha, um pouco da beleza de Prosérpina, mulher de Plutão, que é deus do Hades (a morada dos mortos).

Psiquê até então tinha sido bem sucedida na realização das provações que lhe foram legadas, por que a natureza, influenciada pelas súplicas de Eros, a auxiliara (como, por exemplo, as formigas ajudam-na a separar as sementes). Porém, ao realizar a última provação, a jovem esposa cai em tentação e, curiosa, abre a caixinha onde, na verdade, havia, ao invés da beleza, um sono mortal.

Então, Cupido, pelo amor que sente por sua Psiquê, vai aonde ela está. Recoloca o sono na caixinha e a desperta com uma leve picada de uma de suas flechas. Assim, a jovem, reanimada, procura Vênus e entrega a caixinha, cumprindo a última tarefa.

Entrementes, Cupido pede a Júpiter que realize a condição de um casamento que não seja desigual entre eles. O rei dos deuses atende a sua súplica, dando a Psiquê não só uma nova condição (a imortalidade), mas também, a eterna união entre os amantes, da qual nasce a Volúpia.

Análise da história

Através do levantamento de elementos lingüísticos da figuração do mito n' **O Asno Ouro**, será caracterizada a transformação gradativa de Psiquê, de um Amor puramente corpóreo (imperfeito) para um Amor completo, que une o corpo à alma em um estágio superior (perfeito). A metamorfose pela qual passam as personagens na história aponta para uma possível relação entre esse mito e a filosofia platônica. Psiquê é exposta a provações, a fim de evoluir, ascender e fundir-se com Eros em um todo completo e perfeito, ou seja, segundo Platão:

[...] o amor (Eros) é uma força grande e poderosa que se caracteriza pela sua capacidade mediadora e unitiva, que se concretiza no impulso que dá ao ser humano sinceramente sedento de sabedoria, e por isso dócil a tal impulso, a fim de superar as baixezas da vida material e da experiência sensível para elevar-se rumo às alturas do mundo ideal, situado além do mundo físico, onde [...] residem a Beleza, a Verdade e o Bem na sua pureza e perfeição [...].³

No início da obra, nota-se que Psiquê, apesar de toda a devoção que lhe é dedicada, não recebe nenhum pedido para que seja desposada. Sente, então, uma falta, uma incompletude em sua alma, que é o motivo de sua tristeza. Tal incompletude também é a razão

que a faz seguir o seu destino, mesmo que esse a leve para uma relação com o desconhecido.

Buscando completar esse eu, Psiquê se envolve no mistério amoroso, escuro, porém prazeroso convívio com seu marido. Tenta, dessa forma, ao mesmo tempo, cumprir o seu destino, e encontrar uma saciedade para sua incompletude, ou seja, para sua própria imperfeição.

Por algum tempo, Psiquê convive com uma sensação conflituosa dentro de si. Durante a noite, é feliz junto de seu esposo, mas, no resto do dia, passa chorosa, aflita e principalmente inquieta. Mesmo que supra momentaneamente essa lacuna com a visita de suas irmãs, ela deseja tê-lo por inteiro, deseja conhecer quem é o seu amor.

No episódio da lucerna, a jovem, ao ver o semblante do esposo, toma consciência de que ama não só uma bela imagem ou um belo corpo (os prazeres sensíveis), mas também a divindade que ele encarna. É apresentada a ela, então, a possibilidade da imortalidade, em que se encontra o Absoluto e a Perfeição, ou segundo Platão, a idéia de “elevar-se da multiplicidade das sensações à unidade racional.”⁶

Nota-se que, no instante em que Psiquê revela o semblante de Eros, é possível encontrar no texto algumas palavras que sugerem sintomas do amor, ou seja, uma perda dos sentidos, um estranho magnetismo:

[...] A Psiquê tal espetáculo espantou e aturdiu. Com o rosto lívido, descomposto, desfalecente, e trêmula, deixou-se cair de joelhos [...] por mais lânguida que estivesse, contemplar a beleza do divino rosto restituiu-lhe o ânimo. [...] Com ânimo insaciável [...] cada vez mais se consumiu no desejo ardente [...] inclinou-se para ele arquejante de volúpia, beijou-o avidamente com grandes beijos apaixonados [...] o coração desfalecente se abandonava irresoluto a essa emoção deliciosa [...].⁷

Esses, também, são os sintomas da contemplação do amante platônico, presente em **Fedro**:

[...] Quando contempla o seu amor, apodera-se do amante uma crise semelhante à febre: modificam-se-lhe os traços do rosto, o suor aparece em sua fronte e um calor não conhecido corre em suas veias. Logo recebe através dos olhos, a emanção da beleza, sente esse doce calor que alimenta as asas da alma [...].⁸

Ao mesmo tempo em que demonstra características de um amor sensível (carnal), através da contemplação da Beleza divina de Eros, Psiquê parece sofrer uma transformação progressiva. Nesse momento de revelação, a desigualdade latente entre humano/divino vem à tona.

Esse processo é sugerido por alguns elementos simbólicos da narrativa: “[...] o simbolismo do fogo marca a etapa mais importante da intelectualização do cosmo, e afasta o homem cada vez mais da condição animal [...]”⁹. O fogo da lucerna e a luz daí advinda simbolizam o esclarecimento da desigualdade e a possibilidade da subsequente ascense de Psiquê:

[...] Os psicólogos e os analistas observaram que à ascensão estão ligadas a imagens luminosas, acompanhadas de um sentimento de euforia, enquanto que à descida estão ligadas a imagens sombrias acompanhadas de medo [...] Essas observações confirmam que a luz simboliza o desabrochar de um ser pela sua elevação – ele se harmoniza nas alturas – enquanto que a obscuridade, o negro, simbolizaria um estado depressivo e ansioso[...].¹⁰

Assim, a iluminação pode representar processos de intelectualização e ascense. Logo, a jovem esposa terá que sofrer uma transformação, pois a relação entre ela e o marido não é mais igualitária. A condição humana de Psiquê contrasta com a condição divina de Eros. Tal constatação provocará a separação do casal:

[...] Ah! Audaciosa e temerária lucerna, vil escravo do amor, como ousastes queimar o próprio dono do fogo? Lembra-te que foi um amante que, para possuir por mais tempo, até a noite, o objeto de seus desejos, te inventou primeiro. O deus, sob a queimadura, saltou, e, quando viu a sua fé traída e maculada, arrancou-se dos beijos e dos abraços de sua infeliz esposa e voou em silêncio[...].¹¹

A distância ocasionada pela separação dos amantes auxilia no processo de idealização do amor, pois a alma (Psiquê) busca o que está longe, nesse caso a Beleza Ideal quase inacessível. Esse é um dos processos que fundamenta a filosofia platônica do amor, que parece se refletir também em **O Asno de Ouro**:

Em Apuleio:

[...] Entrementes, Psiquê, prostrada por terra, seguia com a vista, tão longe quanto podia, o vôo do marido, atormentada a alma com lamentos desesperados [...] errava Psiquê, prosseguindo em suas indagações noite e dia, e de alma inquieta, ansiava por lenir a cólera do marido com as carícias de uma esposa [...].¹²

Em **Fedro** de Platão:

Mas quando está separada do amado (Beleza), fenece. [...] desse modo a alma toda, atormentada por todos os lados, sofre e padece, no seu frenesi não encontra mais repouso. Impelida pela paixão, ela se lança à procura da beleza.¹³

As provações realizadas pela jovem têm evidente relação com o mundo divino: em primeiro lugar, pela designação de tarefas provinda de uma deusa; em segundo, pela ajuda da natureza, em resposta ao pedido de Eros; em terceiro, porque essas tarefas trazem também a possibilidade da queda, já que excedem as capacidades humanas, daí a necessidade da superação, com o auxílio do divino.

Passada a desdita de Psiquê, Eros a acorda com a picada de uma de suas flechas e a encaminha para que entregue a última provação à deusa Vênus. Eros participa novamente da transformação de Psiquê quando suplica a Júpiter que a transforme em imortal e, assim, realize o himeneu sagrado.

CONCLUSÃO

A partir da análise da narração do mito "Eros e Psiquê" em Apuleio, verificou-se as etapas gradativas da metamorfose de Psiquê, desde sua condição de incompletude e imperfeição até a conquista da perfeição divina.

O episódio da lucerna é representativo na transformação da personagem, pois, por meio dele, desvela-se a desigualdade do casal e as dicotomias que a subjazem: puro/impuro, perfeito/imperfeito, divino/humano, etc. As provações e metamorfoses sofridas pela jovem esposa sugestionam estágios de purificação que atuam como etapas necessárias para sua ascensão até a imortalidade divina.

Dessa forma, parece ser possível visualizar uma relação entre a filosofia platônica do amor, principalmente no que se refere às ações de idealização e ascese presentes em **Fedro** e à

metamorfose das personagens na narração do mito de Eros e Psiquê, apresentada na obra **O Asno de Ouro** de Apuleio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APULEIO. **O asno de ouro**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s.d.].
- _____. **O burro de ouro**. Lisboa: Estampa, 1978.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- HESÍODO. **Teogonia**. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- KHEL, Maria Rita. A psicanálise e o domínio das paixões. In: CARDOSO, Sérgio et al. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- PAZ, Octávio. **A dupla chama**: amor e erotismo. São Paulo: Siciliano, 2001.
- PLATÃO. **Diálogos. Mênon – Banquete – Fedro**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s.d.].
- SCHOEPFLIN, Maurizio. **O amor segundo os filósofos**. São Paulo: Edusc, 2004.

NOTAS

⁶ Trabalho realizado na DCG – Literatura Greco-Latina e a Filosofia do Amor, ministrada pela professora Raquel Trentin Oliveira. Alunos do 2º semestre do curso de Letras – Português

¹ HESÍODO. **Teogonia**: a origem dos deuses. São Paulo: Iluminuras, 1995.

² *apud* PAZ, Octavio. **A dupla chama**: amor e erotismo. São Paulo: Siciliano, 2001. p.31.

³ PAZ, Octavio. *Ibidem*, p. 31.

⁴ *Idem*, *ibidem*.

⁵ ⁵SCHOEPFLIN, Maurizio. **O amor segundo os filósofos**. São Paulo: EDUSC, 2004. p. 12.

⁶ PLATÃO. **Diálogos. Mênon – Banquete – Fedro**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s.d.] p. 230

⁷ APULEIO. **O asno de ouro**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s.d.] p. 59.

⁸ PLATÃO. *Ibidem*, p. 230.

⁹ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p.442.

¹⁰ *Idem*, *ibidem*, p. 571.

¹¹ APULEIO. *Op. cit.* p. 59.

¹² *Idem*, p. 59-63.

¹³ PLATÃO. *Op. cit.* p. 230-231.